



## **DISCUSSÕES ACERCA DAS RELAÇÕES SOCIAIS PROMOVIDAS PELO USO DA LINGUAGEM HUMANA**

Gislaine Cristina da Silva (PPGL-UNEMAT)<sup>1</sup>  
[gislainnesilva123@gmail.com](mailto:gislainnesilva123@gmail.com)

Marcia Graciela Luft (PPGL-UNEMAT)<sup>2</sup>  
[luft\\_marcia@hotmail.com](mailto:luft_marcia@hotmail.com)

A língua na visão de Calvet (2002, p. 65), a princípio é “um instrumento de comunicação”, porém considerá-la assim, segundo o autor é aprisioná-la em uma definição estática, neutra, é isolá-la do falante. A língua não é só um utensílio em que o usuário faz uso quando há necessidade de comunicação, ela é também uma marcação do indivíduo no tempo e no espaço. Desse modo, não há como pensar na língua sem considerar o uso da linguagem, mecanismo pelo qual é realizado as interações sociais.

Seguindo esse pensamento a linguagem humana se faz presente em todos os atos da comunicação e interação social. É ela que estabelece as relações entre as pessoas, através de um sistema linguístico. A constituição do ser humano enquanto sujeito, ou seja, os conteúdos que o forma e o faz interagir com a sociedade só é provável por meio do uso da linguagem, neste sentido, “a linguagem é indissociável do homem” (PAIVA, 2014, p. 51). É na e pela linguagem que o sujeito modela o seu pensamento, pois suas ações, seus sentimentos, seus atos são determinados pelo uso deste sistema comunicativo.

O estudo da linguagem ganhou terreno no início do século XX e foi mais difundido a partir das ideias veiculadas pelos estruturalistas, liderados pelo suíço Ferdinand de Saussure. A palavra estruturalismo remete a algumas das correntes da Linguística moderna que vieram à tona após a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), em 1916.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduanda em Linguística em nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT.

<sup>2</sup> Pós-Graduanda em Linguística em nível de Mestrado, da Universidade Estadual do Mato Grosso – UNEMAT.

O estruturalismo de Ferdinand Saussure, “rompe com a tradição de estudos históricos e comparativos vigente no século anterior e delimita, como objeto de estudo da linguística, a língua (langue) tomada em si mesma vista como um sistema de signos que estabelece relações entre si formando uma estrutura autônoma” (COELHO, 2015, p. 56).

Para contextualizar sua teoria Saussure, procurou evidenciar por meio da metáfora do jogo de xadrez, em que o que verdadeiramente interessa são as regras que determinam os movimentos das peças. O sentido está relacionado à noção de valor determinado pela ideia de oposição em que se colocam os signos linguísticos, de tal modo que tudo se forma dentro do próprio sistema, nada dependendo das situações externas à língua. O deslocamento do foco para o lado imaterial do xadrez permite que a língua seja definida no quadro das relações internas sob as quais se dá o jogo. Como bem afirma Lopes;

As peças do jogo se definem unicamente pelas funções que lhes são conferidas pela legislação do jogo. Suas propriedades puramente físicas são acidentais: as dimensões do cavalo ou da torre, suas cores, o material de que as peças são feitas, tudo isso pode variar; se se perde uma peça, ela pode ser substituída por um outro objeto qualquer, conservando intocadas a sua função e a sua identidade. Basta, para tanto, que os parceiros convençam atribuir a esse objeto substituinte o mesmo valor atribuído à peça perdida. (LOPES, 2008, p. 79).

Saussure valorizou, assim, o estudo imanente da linguagem e estabeleceu rígida oposição entre o sistema (langue) e seu uso (parole), dedicando-se unicamente ao estudo da langue. Para isso, demonstrou a importância da sincronia em oposição à diacronia.

Para ele, a língua é pura forma e como tal deve ser estudada, adotando-se o princípio desde que as formas que articulam os sons (significante) e os sentidos (significado) são arbitrarias em todas as línguas. “Saussure tinha descoberto na língua uma construção legitimamente estrutural”. E, ainda que não se tenha nenhum exemplo acabado de análise linguística por ele empreendido, o modelo estruturalista que ele



propôs determinou uma virada nos estudos linguísticos estabelecendo-se, a partir de então, as bases de uma verdadeira ciência da linguagem.

O ponto de vista sincrônico nos estudos de linguagem foi definitivamente adotado em todas elas e as mudanças linguísticas passaram a ser vistas sob o ponto de vista estrutural, devendo ser analisadas dentro do sistema, isto é, em relação aos outros elementos da língua. Quando deixamos de lado sua condição material e passamos a enxergá-lo como partida, o xadrez passa a existir somente enquanto uma abstrata rede de relações, e é dentro dessa rede que caem as dicotomias língua versus fala e sincronia versus diacronia. O xadrez metaforiza uma visão de língua bastante coerente internamente e dentro da qual tudo harmonicamente se relaciona sob a mecânica do sistema. Assim a perspectiva diacrônica no estudo da língua cede lugar á sincrônica atemporal e estática.

Nos Estados Unidos, a visão estruturalista cede espaço, a partir da década de 60 ao gerativismo de Noam Chomsky, segundo a qual a língua é concebida como um sistema de princípios universais; é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência. O que interessa ao gerativista é o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais. “Assim como o estruturalismo, o gerativismo considera a língua um sistema homogêneo desvinculado de fatores históricos e sociais”. (COELHO, 2015, p.56)

Chomsky apoia assim, uma teoria a qual ele chama de gramática e cujo foco, é a sintaxe, ou composição de sentenças. Observe que a teoria da gramática sugerida por Chomsky não deve ser confundida com a gramática normativa, pois seu objetivo não é ditar regras, mas explicar “as frases realizadas e potencialmente realizáveis na língua proposta” (PETTER, 2005, p. 22). O Gerativismo faz uma clara distinção entre o conhecimento da língua que o falante tem e a sua habilidade de uso. O primeiro inclui o conhecimento das palavras e as regras de formação de palavras, de sentenças e outros aspectos da língua.

Chomsky define a capacidade que todo sujeito tem para aprender uma língua como competência linguística. Por outro lado, o desenvolvimento da capacidade linguística é individual, depende da história de cada um, e é denominado desempenho. Gramática proposta por Chomsky vai contraindo um caráter cada vez mais formal e científico, com a exposição de fórmulas que se assemelham a enunciados matemáticos.

Ainda no século XX alguns teóricos, veem a necessidade de se aprofundar na busca de explicações sobre as irregularidades das variações linguísticas, no processo de evolução da língua em seu contexto social formado pela comunidade linguista, e assim Willian Labov foi um pioneiro na abordagem de investigar a relação entre língua e sociedade e desenvolveu o campo de estudos que veio a ser conhecido por Sociolinguística Variacionista. Na visão de Labov (2008) na variação não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente dentro da comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação.

Desta forma a sociolinguística é a área da Linguística que se ocupa da relação entre a língua e as situações comunicativas dentro de uma sociedade, para Tarallo (2005, p. 08), “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação”, por esse pensamento os mecanismos utilizados nessas comunidades sofrem variações, visto que os grupos são heterogêneos. Na linha de pensamento de Labov:

[...] nascimento oficial de uma área dos estudos da linguagem que, desde então, não tem parado de se desenvolver em todo o mundo: a sociolinguística variacionista. Interessado, de início, em desvendar os enigmas da mudança linguística, William Labov acabou revelando a complexa relação desse fenômeno, diacrônico, com outro, sincrônico: a variação linguística. Labov parte do princípio que as línguas mudam porque variam; [...] as línguas mudam porque não existem "línguas", mas sim falantes de carne e osso, que vivendo em sociedades complexas, hierarquizadas, heterogêneas, mudam as línguas. Sendo assim torna-se impossível desvincular os fatos de linguagem dos fatos sociais (LABOV, 2008, p. 02).



Labov (2008), destaca que o sistema linguístico tem funcionamento próprio, independente do mundo social, embora submetido a ele. Assim, o autor nos mostra que dentro de uma comunidade o discurso não vem na forma densa, muito pelo contrário aparecem em diversos meios de comunicações de formatos e tamanhos diferentes, irá depender de onde os indivíduos estejam ligados entre si de forma a manter um discurso preciso no meio social comunicacional. É neste posicionamento que surge uma variante diferencial em sua fala, pois cada indivíduo pode estabelecer uma comunicação entre eles, de formas variadas, dependendo da área em que estão inseridos.

Para Labov (2008), atribui-se o nome de variedade a fala característica de determinado grupo. Na sociolinguística variacionista, dialeto e falar são sinônimos de variedade. É importante ressaltar que dialeto, aqui, não é uma forma de falar inferior uma língua, mas, sim é a variedade característica de determinado grupo social ou regional. Dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas de variantes; “elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto, e devem também manter o mesmo significado referencial representativo” (COELHO, 2015, p. 17).

A sociolinguística admite, assim, que existe uma forte relação entre os mecanismos internos da língua e fatores externos a ela, tanto de uma ordem “micro”, envolvendo nosso grau de contato e de identificação com os grupos com os quais interagimos no dia-a-dia, quanto de uma ordem “macro”, relacionada a uma estratificação social mais ampla.

Corroborando com a discussão Schmidt (2015, p. 360), afirma que “a língua na concepção da Sociolinguística é de natureza dinâmica, viva, variável e heterogênea, estando sujeita a mudança/variação decorrente do uso da mesma nas interações sociocomunicativas”. Portanto é de natureza da língua sofrer variação, uma vez que o uso coloca os sujeitos da comunicação em trocas constantes de jeitos e formas de produção da língua.

Ao se deter nos fenômenos da língua que não são categóricos, ou sejam, que se apresentam em variação. a Sociolinguística Variacionista



identifica aqueles cuja variação é considerada instável, porque as diversas variantes da regra assumem valores sociossimbólicos distintos na comunidade, ou seja, algumas variantes são mais prestigiadas que outras (BORTONI-RICADO, 2014, p. 59).

Assim, para a sociolinguística as variáveis linguísticas observáveis nas comunidades em geral são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. Por outro lado, o preconceito linguístico se constitui na não aceitação das variantes não padrão, ou seja, um comportamento social peculiar dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CALVET, Louis Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHOMSKY, Noam. O conhecimento da língua como objecto de investigação. 1976 In: CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da linguagem: sua natureza, origem e uso**. Trad. Ana Bela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994.
- COELHO, Izete Lehnmkul. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo; Contexto, 2015.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- PAIVA, Vera Lúcia de Oliveira e. **Aquisição de Segunda Língua**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística**. I Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2005, p.11-24.
- SCHMIDT, Cristiane. Língua: na perspectiva da mudança e da diversidade. **Web-Revista Sociodialeto**, v. 5, n. 15, 2015, p. 360-363.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 30 de março de 2019.